

# Inclusão digital chega a Rio Grande

Duas entidades criam o primeiro curso gratuito de informática para jovens carentes da cidade

Elaine Granconato  
Da Redação

A inclusão digital chegou a Rio Grande da Serra. A ONG (Organização Não-Governamental) ACV (Associação Cidadania e Vida), em parceria com a Adra (Agência Adventista de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais), criou o primeiro curso básico gratuito de informática para jovens e adolescentes carentes ou desempregados, entre 14 e 20 anos. Frequentemente, eles estão nas duas categorias. O programa começa atendendo o bairro Pedreira e região, um dos mais pobres do município e localizado a 7 km do Centro. Na primeira fase, são 80 alunos que, desde a última terça-feira, estão se familiarizando, a maioria deles pela primeira vez, com um computador.

O Programa de Inclusão Digital prevê no período de um ano atender 160 jovens, 80 por semestre. As aulas acontecem no núcleo da Adra segundas-feiras e quartas-feiras, e terças-feiras e quintas-feiras, em dois períodos: das 10h30 às 12h, e das 13h às 17h. A primeira turma deve se formar em junho de 2003 pelo cronograma da ACV, entidade sem fins lucrativos fundada em 10 de maio deste ano e com sede no Centro do município. Por turma, em cada turno, são dez alunos. Dois por microcomputador, já que a ONG possui cinco equipamentos no total.

De olho na geração de renda e em busca da auto-estima perdida, em torno de 200 jovens dos bairros Pedreira, Vila Suzuki, Vila Niwa e Sete Pontes preencheram a ficha de inscrição. Até mesmo pessoas com mais de 20 anos se interessaram pelo curso, segundo a presidente da ACV, Maria Rita Serrano. Ela também é vice-prefeita da cidade e ex-secretária de Cidadania e Ação Social, mas o trabalho voluntário é feito em caráter particular. "A demanda realmente foi grande, principalmente entre maiores de 20 anos. Para 2003, pretendemos criar um projeto específico para adultos", afirmou.

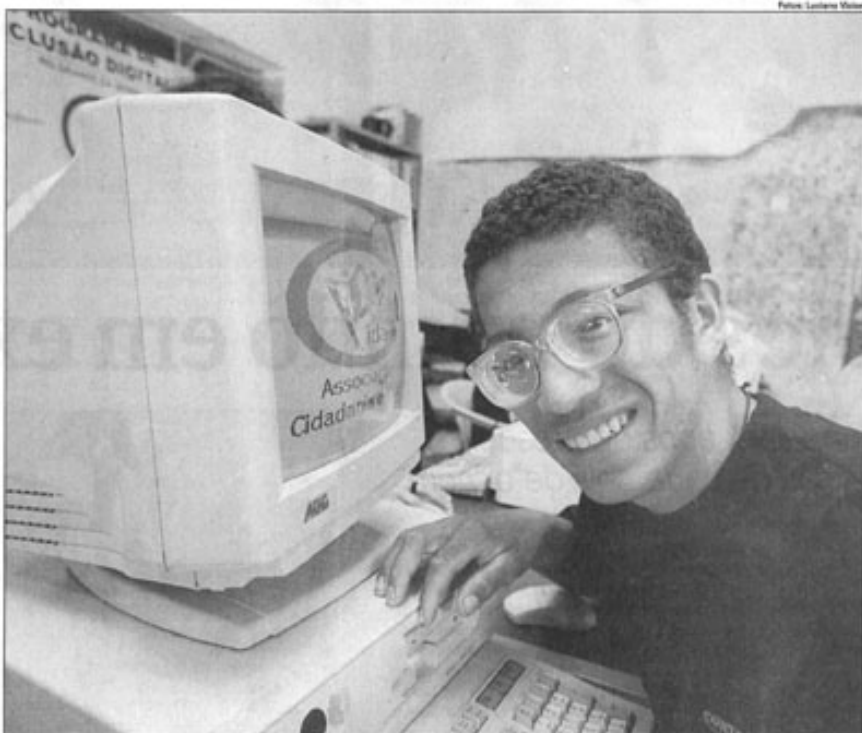
Para as 80 vagas disponíveis nessa primeira etapa, os voluntários fizeram uma triagem entre os 200 candidatos. Os critérios variaram da faixa etária à renda familiar (de até dois salários mínimos). Ainda de acordo com Maria Rita, a escolha por Rio Grande da Serra deve-se ao fato de a cidade ser a mais carente do Grande ABC, além de seu território estar centrado totalmente em área de manancial e a população ser predominantemente formada de jovens e de famílias de migrantes. O desemprego e a falta de qualificação profissional são apenas dois dos problemas do município.

**Monitores** - Concluído o curso básico de informática, os jovens e adolescentes serão cadastrados em um banco de vagas. "Alguns deles poderão ser aproveitados como monitores para os próximos núcleos que iremos formar no município", explicou Maria Rita. Porém, antes de tudo, os monitores têm de ser "adotados", ou seja, alguma empresa precisa bancar o salário.

A idéia, ainda de acordo com Maria Rita, é criar novos núcleos na cidade. O Parque das Américas, por exemplo, é um dos interessados. "O local para abrigar os jovens inclusive já temos."

Estreante no trabalho de educação do jovens, Débora Diogo, 41 anos, de Santo André, é quem conduz o curso. "A experiência está sendo maravilhosa. O curso, além de informática, dá noções de cidadania", disse, entusiasmada.

Ana Paula Oliveira Espírito Santo, 22 anos, que auxilia Débora, moradora na Pedreira, o primeiro bairro da cidade, com apenas uma única escola estadual, de madeira, vai mais além: "Vamos dar auto-estima, o povo daqui precisa." □



André, 18, que tem problema de visão e caminha duas horas para chegar à Adra: "tudo fica mais fácil com computador"

## Programa pretende orientar para o trabalho

Da Redação

Além de informática, o Programa de Inclusão Digital atua em outras duas frentes: orientação para o trabalho e acompanhamento psicológico. O objetivo é possibilitar, respectivamente, a geração de renda e desenvolver a auto-estima e o espírito solidário.

De acordo com Maria Rita Serrano, presidente da ONG (Organização Não-Governamental) ACV (Associação Cidadania e Vida), as orientações para o trabalho serão ministradas por técnicos da Central de Trabalho e Renda. A mesma instituição que ficará responsável pelo cadastro dos jovens em um banco de vagas.

Quanto ao apoio psicológico, além do aluno, os familiares também irão receber acompanhamento. "A relação interpessoal e a auto-estima serão desenvolvidas", afirmou Maria Rita.

**Computadores** - A Uscesp (Associação dos Funcionários da Nossa Caixa Nosso Banco) doou seis computadores para a instituição, que tem ainda como parceiros os Sindicatos dos Bancários do ABC e de São Paulo e a Polidata Consultoria e Informática. Cinco são utilizados no curso, e um fica na sede administrativa da ACV. No total, são dois Pentiums e quatro com processador 486, já considerados obsoletos.

No entanto, a ACV, que não está ligada à Prefeitura de Rio Grande da Serra, aceita doações de microcomputadores. "Toda ajuda será bem vinda", afirmou a presidente. Maria Rita pretende criar dez núcleos na cidade. "Dessa forma, precisamos de mais computadores." □

## Rapaz anda 4 km para poder fazer curso

Da Redação

Debaixo de sol forte ou de chuva, em meio à estrada de terra, no mínimo, duas horas a pé são enfrentadas para percorrer os cerca de quatro quilômetros que separam o bairro de Sete Pontes do bairro Pedreira, ambos em Rio Grande da Serra. Esse passou a ser o trajeto de André Rosa Lopes, 18 anos, que duas vezes por semana sai de sua casa e vai para o Núcleo da Adra (Agência Adventista de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais), onde é um dos 80 jovens participantes do Programa de Inclusão Digital.

Ansioso, André, que em 2003 vol-

tará aos estudos em uma escola da Vila Niwa, foi o primeiro aluno a chegar na última quarta-feira. Quase uma hora antes do início das aulas. Do lado de dentro e ao lado do computador, o jovem achava tudo interessante. "Com computador tudo fica mais fácil", filosofou, marinho de primeira viagem na área de informática. Entusiasmado, o jovem acredita que o curso irá facilitar seu acesso ao mercado de trabalho.

Afinal, o dinheiro também anda curto em sua casa. "Trabalhava em uma chácara como amansador de cavalos, mas fui mandado embora depois que o negócio faliu", disse o adolescente, que ganhava R\$ 150 e

uma cesta básica. O salário, embora reduzido, ajudava nas despesas da família, integrada pelo pai aposentado, mãe e mais quatro irmãos. "Às vezes, os mantimentos costumam faltar, mas a gente costuma comprar fiado", afirmou.

**Cirurgia** - André, que se mostra bastante esforçado, ressaltou um obstáculo que terá de superar. "Tenho um problema sério na vista, que só com cirurgia de miopia vai ser resolvido, mas não tenho condições financeiras para fazê-la." O rapaz tem dificuldade em ler as letras no computador. "Preciso chegar bem pertinho." □

## 'Não é difícil, não', diz aluna da V.Niwa

Da Redação

Caçula de uma família de sete irmãos, a estudante Ana Maria Aparecida de Freitas, 20 anos, moradora na Vila Niwa, em Rio Grande da Serra, conhecia pela primeira vez na quarta-feira os segredos de um microcomputador. Ao lado de quatro amigos, ela procurou pela ACV (Associação Cidadania e Vida) pensando em um futuro trabalho.

"Vou aprender a mexer no computador, depois, fazer novos cursos na área. Acredito que vou arrumar um emprego", disse Ana Maria,

que, junto aos outros oito alunos da aula de quarta-feira, se encantava com os botões do mouse. "Não é difícil não", afirmou, com os olhos cravados na tela.

A noite, a garota estuda na EE (Escola Estadual) Francisco Lourenço de Mello, que está localizada na Vila Niwa. Atualmente, está sem trabalho. Confessou, timidamente, que de vez em quando falta dinheiro em casa. Embora o pai tenha 64 anos, ele não é aposentado, o que acaba dificultando a situação financeira da família, de acordo com a jovem. □



Ana Maria, uma das alunas do programa: em busca de emprego